



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V  
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS**

**MAIRENE SOUZA DE ARAÚJO**

**O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA PESSOAS ADULTAS COM  
TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: UM CAMINHO PARA A INCLUSÃO**

Santo Antonio de Jesus  
2024

**MAIRENE SOUZA DE ARAÚJO**

**O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: UM CAMINHO PARA A INCLUSÃO**

Monografia apresentada ao Colegiado do curso de Letras Língua - Espanhola e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas/Campus V da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Espanhola.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Vieira Mariano

Santo Antônio de Jesus  
2024

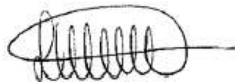
**MAIRENE SOUZA DE ARAÚJO**

**O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA PESSOAS COM TRANSTORNO  
DO ESPECTRO DO AUTISMO: UM CAMINHO PARA A INCLUSÃO**

Monografia apresentada ao Colegiado do curso de Letras Língua - Espanhola e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas/Campus V da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Espanhola.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Vieira Mariano

Aprovada em 15 de fevereiro de 2024.



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Mariano  
(Orientadora - UNEB)



Prof.<sup>a</sup> Esp. Angélica Sílvia de Jesus Lopes  
(Parecerista – UNEB)



Documento assinado digitalmente  
DARA PRISCILA MACHADO SOUSA  
Data: 30/01/2026 17:15:27-0300  
Verifique em <https://validar.ibi.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Esp. Dara Priscila Machado Sousa  
(Parecerista - Faculdade Regional de Minas Gerais)

## **AGRADECIMENTOS**

## RESUMO

O Interesse por desenvolver essa pesquisa surgiu a partir da experiência como cuidadora de uma criança com TEA e pela participação em um projeto de Educação Inclusiva, esta pesquisa busca compreender os desafios enfrentados por adultos com TEA no processo de ensino e aprendizagem de Língua Estrangeira (LE). Dessa forma surge a pergunta norteadora da pesquisa: Quais são os principais desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem de LE para pessoas adultas com TEA? Logo, foi estabelecido como objetivo geral compreender quais são os principais desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem de LE para pessoas adultas com TEA, assim, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1. Apresentar questões relacionadas ao TEA e ao TEA em pessoas adultas e 2. Observar as dificuldades enfrentadas por pessoas adultas com TEA no processo de ensino e aprendizado de uma LE. A metodologia empregada inclui pesquisa bibliográfica e de campo, visando identificar os principais obstáculos e entender como promover um ambiente educacional mais inclusivo e promissor. Através do estudo foi possível concluir que é fundamental adotar estratégias de ensino adequadas às necessidades individuais dos adultos com autismo para garantir o êxito na aprendizagem de uma língua estrangeira. Promover a inclusão no ambiente educacional, capacitar os professores e aumentar a conscientização sobre o transtorno do espectro autista são medidas essenciais para oferecer uma experiência educacional mais satisfatória e efetiva para essas pessoas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo. Inclusão. Estratégias de ensino adaptadas. Língua Estrangeira.

## RESUMEN

El interés por desarrollar esta investigación surgió a partir de la experiencia como cuidadora de un niño con TEA y por la participación en un proyecto de Educación Inclusiva, esta investigación busca comprender los desafíos enfrentados por adultos con TEA en el proceso de enseñanza y aprendizaje de Lengua Extranjera (LE). Así, surge la pregunta orientadora de la investigación: ¿Cuáles son los principales desafíos enfrentados en el proceso de enseñanza y aprendizaje de LE para adultos con TEA? Por lo tanto, se estableció como objetivo general comprender cuáles son los principales desafíos enfrentados en el proceso de enseñanza y aprendizaje de LE para adultos con TEA, así, se establecieron los siguientes objetivos específicos: 1. Presentar cuestiones relacionadas con el TEA y el TEA en adultos, y 2. Observar las dificultades enfrentadas por adultos con TEA en el proceso de enseñanza y aprendizaje de una LE. La metodología empleada incluye investigación bibliográfica y de campo, con el fin de identificar los principales obstáculos y comprender cómo promover un ambiente educativo más inclusivo y promisor. A través del estudio, se pudo concluir que es fundamental adoptar estrategias de enseñanza adecuadas a las necesidades individuales de los adultos con autismo para garantizar el éxito en el aprendizaje de una lengua extranjera. Promover la inclusión en el entorno educativo, capacitar a los profesores y aumentar la conciencia sobre el trastorno del espectro autista son medidas esenciales para ofrecer una experiencia educativa más satisfactoria y efectiva para estas personas.

**PALABRAS CLAVE:** Autismo. Inclusión. Estrategias de Enseñanza Adaptadas. Lengua Extranjera.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO</b>	<b>11</b>
<b>3 CARACTERÍSTICAS DO TEA EM ADULTOS</b>	<b>17</b>
<b>4 DESAFIOS DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES ADULTOS COM TEA EM CONTEXTOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM</b>	<b>20</b>
<b>5 ANÁLISE DE DADOS</b>	<b>26</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>36</b>
<b>7 REFERÊNCIAS</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição neurológica que afeta indivíduos em diferentes níveis e se manifesta de formas diversas. Segundo o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – V (2013), o TEA é caracterizado por desafios na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos. No Brasil, estima-se que mais de 2 milhões de pessoas possam estar no espectro autista, o que destaca a importância de compreender e atender às necessidades dessa população de forma adequada.

A motivação pelo desenvolvimento desse estudo surge da minha experiência como cuidadora de uma criança diagnosticada com TEA e da minha participação como monitora no projeto "Caminhos para uma Educação Inclusiva". Durante o período em que fui cuidadora, tive a oportunidade de conhecer questões relacionados ao autismo em crianças, testemunhando a sua resiliência, criatividade e potencial. No entanto, também pude observar os desafios enfrentados no contexto educacional, especialmente no que diz respeito ao ensino de uma segunda língua, como o espanhol.

O ensino de Língua Estrangeira (LE) para pessoas com TEA é uma questão que merece destaque, uma vez que a Educação Inclusiva é um direito fundamental de todos os indivíduos, independentemente de suas características neurodiversas. Assim, os contextos educacionais devem desempenhar um papel fundamental na vida de todos os estudantes, incluindo pessoas neurodivergentes. No entanto, muitas vezes, a falta de conhecimento por parte dos profissionais da educação sobre as características e necessidades educacionais específicas desses alunos pode levar a barreiras significativas no processo de ensino-aprendizagem.

Neste trabalho, buscaremos abordar a partir das principais características do TEA e quais as principais dificuldades enfrentadas por pessoas adultas com TEA no processo de ensino e aprendizagem de LE, a fim de ampliar as adaptações e estratégias de ensino que atendam às necessidades individuais desses alunos, podemos contribuir para a construção de um ambiente mais inclusivo e promissor.

Dessa forma, esta pesquisa visa lançar luz sobre a questão do ensino de LE para pessoas com TEA, destacando a importância de reconhecer suas habilidades e potenciais, ao mesmo tempo em que se consideram suas particularidades. Além disso, pretendemos fornecer insights sobre o papel fundamental do professor na

promoção da inclusão e no apoio ao desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com TEA, especialmente no contexto do ensino dessa disciplina.

A pergunta problema que norteou este estudo é: Quais são os principais desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem de LE para pessoas adultas com TEA?

Dessa forma o objetivo geral dessa pesquisa consiste em compreender quais são os principais desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem de LE para pessoas adultas com TEA e os objetivos específicos consistem em: 1. Apresentar questões relacionadas ao TEA e ao TEA em pessoas adultas e 2. Observar as dificuldades enfrentadas por pessoas adultas com TEA no processo de ensino e aprendizado de uma LE.

A metodologia empregada para o desenvolvimento desse trabalho foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Para a pesquisa de campo foi elaborado um formulário com questões referentes à temática dessa pesquisa.

Nesse primeiro capítulo – Introdução – foi apresentado o fator motivador, a justificativa e os elementos norteadores desse estudo. O segundo capítulo deste estudo, intitulado "O Transtorno do Espectro do Autismo" serviu como base para entendermos as características do TEA na idade adulta, incluindo suas particularidades e desafios. No terceiro capítulo, intitulado "Desafios da inclusão de estudantes adultos com TEA em contextos de ensino e aprendizagem" exploramos os obstáculos específicos que os estudantes com TEA podem encontrar no contexto de ensino e aprendizagem de LE, incluindo dificuldades acadêmicas, sociais e emocionais, bem como barreiras relacionadas à acessibilidade e à inclusão no ambiente universitário. O quarto capítulo, "Dificuldades enfrentadas por pessoas autistas adultas em contextos de aprendizagem de LE" abordou os resultados da pesquisa de campo onde foram identificados os principais desafios enfrentados pelos estudantes com TEA em um contexto de ensino e aprendizagem de LE. Por fim, o quinto capítulo, "Considerações Finais", sintetizou as descobertas e insights deste estudo. Neste capítulo, também foram apresentadas recomendações práticas para professores e profissionais envolvidos na educação de estudantes com TEA no contexto de ensino e aprendizagem de LE.

## 2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) tem uma história complexa que remonta várias décadas. A compreensão e a categorização do autismo evoluíram ao longo do tempo, moldando a maneira como a sociedade percebe e lida com essa condição neurológica.

O termo "autismo" foi introduzido pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler em 1911, referindo-se a um tipo de transtorno do pensamento associado à retirada social. No entanto, foi somente em 1943 que o médico Leo Kanner, nos Estados Unidos, apresentou pela primeira vez uma descrição mais detalhada do que agora é reconhecido como autismo infantil. Um dos primeiros casos estudados pelo psiquiatra Leo Kanner, conhecido como o Caso 1 foi o de Donald T., avaliado em 1938. Os pais forneceram uma carta com o histórico e relatos de eventos antes do primeiro encontro com Kanner.

Em agosto de 1937, Donald foi internado em um centro preventivo de tuberculose a fim de proporcionar "uma mudança de ambiente". Ali, ele tinha uma "propensão a não brincar com crianças e fazer coisas que as crianças de sua idade geralmente gostam de fazer". Ele ganhou peso mas adquiriu o hábito de sacudir a cabeça de um lado para o outro. Continuava a girar objetos e pulava extasiado enquanto os via girar. Manifestava uma abstração mental que o mantinha totalmente desligado de tudo o que lhe dizia respeito. Parece estar sempre pensando e pensando, e chamar a sua atenção praticamente requer que se quebre a barreira mental entre seu mundo interior e o mundo exterior (Kanner, 1943, p. 02).

Conforme relatado em seu Caso 1, Kanner destaca características fornecidas em carta pelos pais de Donald como movimentos repetitivos (sacudir a cabeça), preferência por brincar e estar só, girar objetos e pular entusiasmado ao vê-los, além do shutdown (quando se mantinha 'desligado' de tudo).

Essas características até hoje se mantêm como parâmetro de diagnóstico, porém as décadas seguintes à teoria de Kanner, testemunharam uma ampla gama de abordagens teóricas e práticas em relação ao autismo, incluindo a teoria psicanalítica de Bruno Bettelheim, que sugeriu que mães "geladas" eram responsáveis pelo desenvolvimento do autismo em crianças. Essa teoria, posteriormente, foi desacreditada, e a compreensão do autismo se afastou de explicações baseadas em causas psicogênicas.

Na década de 1980, o diagnóstico de "Transtorno do Espectro Autista" começou a ser utilizado para reconhecer a diversidade de manifestações da condição. Isso reflete a compreensão crescente de que o autismo não é uma condição única e

homogênea, mas sim um espectro que abrange uma variedade de características e níveis de funcionalidade.

O movimento de neurodiversidade, que ganhou força nas últimas décadas, destaca a importância de aceitar e valorizar as diferenças neurológicas, incluindo o autismo, como uma parte natural da diversidade humana. Hoje, o entendimento do autismo evoluiu consideravelmente e as abordagens terapêuticas visam apoiar as habilidades individuais, promover a inclusão e proporcionar uma vida significativa para indivíduos ao longo de todo o espectro.

O movimento da neurodiversidade é organizado por autistas chamados de alto funcionamento que consideram que o autismo não é uma doença a ser tratada e se for possível curada. Trata-se antes de uma diferença humana que deve ser respeitada como outras diferenças (sexuais, raciais, entre outras). Os ativistas do movimento de neurodiversidade se opõem aos grupos de pais de filhos autistas e profissionais que buscam uma cura para a doença. (ORTEGA, 2009, p.67)

Assim o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição neurobiológica que se manifesta principalmente nas interações sociais, na comunicação e no comportamento. Com intervenções adequadas desde a infância, muitos indivíduos com TEA conseguem desenvolver habilidades importantes e enfrentar os desafios de maneira mais eficaz. Portanto, o diagnóstico na infância não apenas ajuda a compreender as necessidades imediatas, mas também estabelece as bases para um suporte contínuo ao longo do ciclo de vida. Embora seja frequentemente diagnosticado na infância, suas características continuam a influenciar a vida na idade adulta.

Existem sim, pessoas que possuem o autismo e vivem anos sem descobri-lo, o grau na grande maioria das vezes é leve, são pessoas que passam anos procurando entender o que acontecem com elas, sentindo a sensação de que não se encaixam no mundo ou que não são aceitos na sociedade, por outro lado existe um processo de negação associado ao preconceito o que gera a relação dos sinais e sintomas apresentados a outros fatores. O diagnóstico na fase adulta é um conforto pois finalmente o indivíduo entende o que realmente acontece com ele, desse modo é possível desenvolver ações que permitam fornecer uma melhor qualidade de vida, auxiliando na compreensão das características apresentadas (Lima, et al., 2021, p. 02).

Lima, et al. (2021), destaca um aspecto importante do autismo, especialmente quando passa despercebido por anos. É fascinante e ao mesmo tempo desafiador perceber como algumas pessoas podem viver por tanto tempo sem compreender plenamente sua própria condição. O processo de autodescoberta, misturado com a sensação de não pertencimento, pode ser uma jornada complexa. O reconhecimento na fase adulta, como mencionado, parece oferecer uma explicação para experiências

passadas. É crucial que a sociedade esteja ciente disso para promover a compreensão e a aceitação, minimizando o preconceito associado ao autismo. O apoio e a compreensão podem desempenhar um papel vital na melhoria da qualidade de vida para aqueles que recebem o diagnóstico tardiamente.

O autismo se manifesta de maneiras diversas e os sintomas podem ser interpretados de forma diferente ao longo da vida. Pessoas com autismo nível de suporte 1 muitas vezes desenvolvem estratégias de adaptação que lhes permitem funcionar relativamente bem em sociedade, mascarando os sinais evidentes.

Um outro fator que representa desafios para o diagnóstico do TEA em mulheres é o de que elas tendem a ser mais suscetíveis ao “masking”, termo utilizado para descrever o ato de mascarar os seus sintomas e adaptar-se às situações sociais e conseqüentemente, atrasar seu diagnóstico (Miranda, 2023, p. 14).

Miranda (2023) aborda em seu estudo um aspecto significativo e muitas vezes subestimado quando se trata do diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em mulheres. O “masking” é uma estratégia que muitas mulheres com TEA adotam para se integrarem socialmente, o que pode tornar mais desafiador identificar os sintomas. Essa habilidade de mascarar sintomas pode levar a um atraso no diagnóstico, uma vez que os sinais típicos do TEA podem não ser tão evidentes, esse masking é observado com mais frequência em mulheres, reconhecer essa tendência é crucial para desenvolver abordagens de diagnóstico mais sensíveis e compreender a diversidade de manifestações do TEA.

A conscientização crescente sobre a diversidade do espectro autista e uma compreensão mais refinada dos sintomas também contribuíram para um aumento nos diagnósticos em adultos. À medida que a compreensão pública do autismo evolui, mais pessoas podem procurar avaliação e diagnóstico na fase adulta.

O diagnóstico tardio pode trazer uma mistura de emoções para os adultos autistas. Por um lado, pode fornecer uma explicação para experiências passadas e desafios enfrentados ao longo da vida. Por outro lado, pode ser um processo desafiador, envolvendo aceitação, ajuste de identidade e a busca por estratégias para lidar com os aspectos específicos do autismo.

O diagnóstico no adulto frequentemente é feito quando o indivíduo tem um filho que recebe o diagnóstico de autismo ou de outra perturbação do espectro e as manifestações clínicas são reconhecidas como semelhantes às que ele próprio apresentou na infância.. Alternativamente, adultos com história arrastada de dificuldades sociais e comportamentos “problemáticos” podem vir a receber este diagnóstico, após uma avaliação correcta (Ramos, Xavier, Morins, 2012, p. 13).

É interessante notar como o diagnóstico de condições como o autismo muitas vezes ocorre tardiamente na vida adulta e que o mesmo muitas vezes é desencadeado pelo diagnóstico de um filho. Isso destaca a importância da conscientização e da compreensão das características do espectro. O reconhecimento tardio pode oferecer uma nova perspectiva e compreensão do próprio comportamento e das dificuldades enfrentadas.

A avaliação correta é fundamental para proporcionar suporte adequado e permitir que adultos compreendam melhor a si mesmos e desenvolvam estratégias para enfrentar desafios específicos.

A falta de suporte adequado para adultos com TEA representa uma preocupante lacuna na área de saúde mental. Muitos indivíduos com esse transtorno enfrentam desafios significativos na comunicação, interação social e adaptação a mudanças, tornando a necessidade de apoio emocional e terapêutico crucial. A ausência desse suporte apropriado pode aumentar substancialmente o risco de desenvolver depressão e ideação suicida. A sensação de isolamento, a dificuldade em lidar com o estigma social e a falta de compreensão por parte da sociedade podem agravar o sofrimento emocional desses adultos.

A severidade do fenótipo de TEA, a solidão e o isolamento social são considerados fatores de risco para o desenvolvimento de depressão e ideação suicida, bem como história familiar de primeiro ou segundo grau de depressão (Rozani et al., 2021, p. 49).

Essa compreensão aprofundada dos fatores de risco é fundamental para direcionar estratégias de intervenção e apoio eficazes, destacando a importância de abordagens terapêuticas e de suporte emocional individualizadas, que considerem a especificidade de cada caso. Além disso, existe a necessidade de promover uma maior conscientização e compreensão da comunidade em relação aos desafios enfrentados por adultos com TEA, para reduzir o estigma e facilitar a inclusão social.

No âmbito universitário e em outros contextos de aprendizagem, a adaptação dos métodos convencionais de ensino é de suma importância. A diversidade de estilos de aprendizagem, a evolução tecnológica e as mudanças nas dinâmicas sociais demandam abordagens flexíveis e inovadoras para garantir a eficácia do processo educacional. A incorporação de métodos mais interativos, uso de tecnologias educacionais e o estímulo à participação ativa dos estudantes contribuem significativamente para a formação de indivíduos preparados para os desafios contemporâneos.

Isso se dará com o devido conhecimento dos professores e gestores acerca do autismo, tendo a necessidade de formações continuadas que promovam a compreensão das características individuais dos alunos autistas. A implementação de estratégias pedagógicas inclusivas, o fomento à empatia e a criação de ambientes acolhedores são elementos essenciais para garantir uma educação acessível e equitativa. Além disso, a parceria efetiva entre educadores, profissionais da saúde e familiares desempenha um papel crucial no desenvolvimento de práticas educacionais que atendam às necessidades específicas de cada estudante, contribuindo para um ambiente educacional mais diversificado e enriquecedor.

A necessidade de apoio dos colegas para estudantes autistas pode ser um elemento fundamental no processo de inclusão e sucesso acadêmico. O ambiente acadêmico, muitas vezes caracterizado por complexas interações sociais e altas expectativas de adaptação pode representar um desafio significativo para estudantes autistas. Nesse contexto, o apoio dos colegas desempenha um papel crucial em várias frentes como observamos no relato da menina neurodiversa, uma estudante autista nível 2 de suporte do curso de Letras de uma Universidade Federal.

[...] Nos primeiros dias, fiquei sozinha, mas não demorou muito para que uma pessoa se aproximasse de mim. Meu amigo João passou a ficar comigo e conversar. Um tempo depois, uma amiga dele, a Gabi, entrou no curso também, e nos tornamos um trio de amigos. Não tenho palavras para descrever a importância desses dois na minha vida acadêmica. Se vou me formar, é graças a uma rede de apoio da qual eles foram peças centrais. [...] Apesar dos bons momentos, foi ainda no primeiro ano que tentei tirar minha vida. A saúde mental, que já era ruim, piorou muito por causa da faculdade. Passei a ter crises de ansiedade com muita frequência, e mãe me dava clonazepam para tentar me acalmar para eu fazer os trabalhos. [...] Tivemos a primeira apresentação de trabalho em grupo, e, novidade nenhuma, não consegui falar para a professora e a turma. Quando terminou, ela deu boas notas aos colegas, mas ganhei um 6 por não ter falado nem dez palavras. Ela foi generosa na nota, pois o trabalho ficou bom no geral. Ela conversou comigo no final e disse que eu precisava procurar ajuda, pois não ia dar certo se não melhorasse isso. [...] No dia seguinte, engoli um monte de pílulas e torci pelo pior, mas nada aconteceu, felizmente. Isso foi em 2017. [...] No ano seguinte, tentei novamente o suicídio. Foi aí que meus pais decidiram buscar ajuda, então fui encaminhada para psiquiatra e psicóloga do SUS, onde recebi o diagnóstico de autismo e transtorno de ansiedade no início de 2019. Desde então, tive algumas outras tentativas e confesso que, no final do ano passado, quase tive outra, mas eu já tinha uma boa ajuda profissional. Não fiquei feliz com o diagnóstico inicialmente. [...] Tentando me aceitar mais e conseguir explicar para os meus pais sobre como eu me sentia e o motivo dos meus comportamentos, criei uma página no WordPress, para a qual dei o nome A Menina Neurodiversa.

A empatia e a compreensão por parte dos colegas são essenciais para criar um ambiente de aceitação e respeito. A conscientização sobre o TEA e suas características pode ajudar a reduzir o estigma e promover uma cultura inclusiva, onde

a diversidade é valorizada. O apoio emocional dos colegas pode ser reconfortante para estudantes autistas, proporcionando uma rede de suporte que pode reduzir o estresse e a ansiedade associados ao ambiente universitário.

É importante reconhecer que a diversidade de perspectivas e experiências enriquece o ambiente acadêmico. Ao apoiar estudantes autistas, os colegas contribuem para a promoção da igualdade de oportunidades e a construção de uma sociedade mais inclusiva. O apoio dos colegas é um passo importante em direção a um ambiente universitário que valoriza e respeita as diferenças e que capacita todos os estudantes a alcançarem seu pleno potencial. Portanto, promover a solidariedade e a colaboração entre estudantes é crucial para a construção de uma comunidade universitária inclusiva e acolhedora e isso também é papel dos professores e gestores das instituições de ensino.

### 3 CARACTERÍSTICAS DO TEA EM ADULTOS

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição que se manifesta na infância e persiste ao longo da vida. Quando observamos adultos com TEA, muitas das características que se tornaram evidentes na infância continuam a desempenhar um papel importante em suas vidas. Por exemplo, a dificuldade na comunicação social, que pode se manifestar em dificuldades em entender ou expressar emoções, é algo que frequentemente começa a ser observado em tenra idade. Crianças com TEA podem ter dificuldade em fazer amigos e em compreender as nuances da interação social.

Essa dificuldade em interagir socialmente pode persistir na idade adulta, tornando desafiador o estabelecimento e a manutenção de relacionamentos. Adultos com TEA podem ainda demonstrar comportamentos repetitivos, como movimentos estereotipados, que também são comuns em crianças com TEA. Isso reflete a continuidade dessas características do TEA ao longo da vida.

Manifestações de prejuízos sociais e de comunicação e comportamentos restritos/repetitivos que definam o transtorno do espectro autista são claras no período do desenvolvimento. Mais tarde, intervenção e compensação, além dos apoios atuais, podem mascarar essas dificuldades pelo menos em alguns contextos. Os sintomas, entretanto, permanecem suficientes para causar prejuízo atual no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.(DSM 5, 2014, p.56)

As manifestações de prejuízos sociais, de comunicação e de comportamentos restritos/repetitivos, que são características centrais do TEA, geralmente se tornam evidentes durante o período de desenvolvimento inicial. Isso significa que, desde a infância, as pessoas com TEA apresentam diferenças significativas em sua interação social, comunicação e padrões de comportamento.

Em alguns casos, intervenções, compensações e apoios ao longo da vida podem mascarar ou atenuar essas dificuldades, pelo menos em certos contextos. Isso ressalta a importância do diagnóstico precoce e da implementação de intervenções eficazes, como a terapia comportamental e a educação inclusiva, que podem ajudar as pessoas com TEA a adquirir habilidades e estratégias para enfrentar as dificuldades. A complexidade do TEA e a necessidade de um entendimento contínuo das necessidades e desafios das pessoas com TEA à medida que elas passam da infância para a idade adulta, enfatizando a importância de fornecer apoio apropriado para promover seu bem-estar e inclusão na sociedade.

Uma característica marcante do TEA que se origina na infância e que muitas

vezes persiste na idade adulta é a rigidez no comportamento e na rotina. Crianças com TEA muitas vezes têm dificuldade em lidar com mudanças e podem se apegar a rituais específicos. Essa rigidez pode se traduzir em adultos com TEA mantendo rotinas rígidas e tendo dificuldade em lidar com situações imprevistas.

Un pensamiento inflexible y rígido limita la superación de acontecimientos negativos en sus vidas como por ejemplo, las victimizaciones escolares, con estrés posttraumático crónico, recuerdos emocionales recurrentes negativos que afectan crónicamente su autoestima, visión del futuro y contenido cognitivo depresivo. (HERVAS; ROMARIS, 2019, p. 13)

A rigidez de pensamento e a inflexibilidade cognitiva são aspectos cruciais e comuns em indivíduos com TEA. A rigidez de pensamento limita a capacidade de encontrar soluções criativas para lidar com problemas, que continuamente afetam a autoestima, a visão do futuro e o conteúdo cognitivo. No entanto, a terapia e o apoio social desempenham um papel crucial na superação desses desafios. A terapia cognitivo-comportamental, por exemplo, pode ajudar a pessoa a identificar e modificar padrões de pensamento inflexíveis. Além disso, o suporte de amigos, familiares e profissionais de saúde mental é essencial para auxiliar na recuperação e no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento saudáveis.

Outra característica que se estende da infância para a idade adulta é a sensibilidade sensorial. Crianças com TEA frequentemente têm sensibilidades sensoriais incomuns, como hipersensibilidade a certos sons ou texturas. Essas sensibilidades podem persistir na idade adulta e afetar a forma como os adultos com TEA experimentam o mundo ao seu redor.

Muitas das características do TEA que se manifestam na infância persistem na idade adulta, embora com uma gama de experiências e adaptações individuais. É importante reconhecer essas características ao lidar com adultos com TEA e fornecer apoio e compreensão para ajudá-los a viver uma vida plena e satisfatória.

Por exemplo, um sujeito com autismo pode dizer que se incomoda com algum barulho ou preferir ficar só e esse comportamento pode ser confundido e rotulado como algo "normal", ou seja, um sujeito neurotípico também pode agir assim, mas para pessoas com TEA o que incomoda tem uma intensidade maior do que para uma pessoa que a vivencia fora do transtorno.(COSTA, 2022, p.13)

É crucial reconhecer essas diferenças e não rotular imediatamente como "anormal" o comportamento de alguém com TEA. Em vez disso, é importante promover a compreensão e a empatia, reconhecendo que o que para a maioria das pessoas pode ser uma leve preferência ou um incômodo ocasional, para alguém

com TEA pode ser uma questão de grande importância. A aceitação e o apoio na adaptação ao mundo são fundamentais para ajudar as pessoas com TEA a levar uma vida mais inclusiva e gratificante.

É importante notar que, com o tempo, muitos adultos com TEA desenvolvem estratégias para lidar com essas dificuldades e podem aprender a se adaptar ao ambiente social. Alguns deles podem até mesmo aproveitar suas características únicas para se destacarem em áreas específicas, como matemática, arte ou ciência.

Apenas uma minoria de indivíduos com transtorno do espectro autista vive e trabalha de forma independente na fase adulta; aqueles que o fazem tendem a ter linguagem e capacidades intelectuais superiores, conseguindo encontrar um nicho que combine com seus interesses e habilidades especiais. Em geral, indivíduos com níveis de prejuízo menores podem ser mais capazes de funcionar com independência. (DSM 5, 2014, p.56)

O DSM V destaca uma realidade importante relacionada ao TEA na fase adulta. Ele ressalta que apenas uma minoria de indivíduos com TEA consegue viver e trabalhar de forma independente na idade adulta. Isso é um reflexo da diversidade do TEA, onde o nível de funcionamento e as habilidades variam consideravelmente de pessoa para pessoa.

Muitas das características distintivas do TEA, como dificuldades na comunicação social, comportamentos repetitivos, rigidez cognitiva e sensibilidades sensoriais, podem continuar a desempenhar um papel importante na vida de adultos com TEA.

## 4 DESAFIOS DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES ADULTOS COM TEA EM CONTEXTOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A inclusão de estudantes adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em contextos de ensino e aprendizagem apresenta desafios singulares que requerem uma abordagem cuidadosa e personalizada. Diante da diversidade de necessidades e características desses indivíduos, é essencial compreender as complexidades envolvidas na promoção de uma educação inclusiva e acessível. Nesta discussão, exploraremos os obstáculos enfrentados por educadores, instituições e, principalmente, pelos próprios estudantes adultos com TEA, destacando a importância de estratégias inovadoras e suporte adequado para garantir uma participação plena e bem-sucedida no processo educacional.

A inclusão de estudantes adultos com TEA em ambientes educacionais traz consigo uma série de desafios únicos que demandam uma abordagem adaptativa e sensível. Ao contrário de crianças, os estudantes adultos com TEA podem enfrentar obstáculos adicionais devido às suas experiências de vida, habilidades sociais e necessidades específicas.

É preciso que seja incitado no currículo e nas adaptações curriculares o aprender a aprender, um ensino voltado para a compreensão individual e coletiva dos estudantes, um saber que desperte, nos estudantes, a vontade de adquirir mais capacidades e habilidades voltadas para sua área profissional, e que, sendo assim, construirá um conhecimento contextualizado com as exigências curriculares e identidade de cada um. (SILVA; PAVÃO, 2018, p. 631)

Assim, a ênfase no desenvolvimento da capacidade de aprender a aprender é crucial no contexto educacional contemporâneo. Ao inserir essa abordagem no currículo e nas adaptações curriculares, proporcionamos aos estudantes não apenas um conhecimento específico em suas áreas de estudo, mas também as ferramentas cognitivas necessárias para se adaptarem a um mundo em constante mudança.

Ao fomentar uma compreensão individual e coletiva dos estudantes, promovemos um ambiente de aprendizado mais inclusivo, onde as diferentes formas de aprender são valorizadas. Isso não apenas respeita a diversidade de estilos de aprendizagem, mas também incentiva uma cultura de colaboração, em que os alunos podem aprender uns com os outros.

Nascimento (2023) traz em sua pesquisa relatos de desafios relacionados às adaptações necessárias para estudantes universitários com TEA:

Um dos estudantes com TEA revelou, em sua fala, barreiras nos materiais escritos, nos recursos utilizados com a finalidade de produzir aprendizagens. O estudante H25TEAES2 deteve-se a descrever por que os slides não são acessíveis, uma vez que considera essa prática um problema para seu desempenho acadêmico, são “cheios de figuras, pontinhos e legenda em inglês” (grifo meu) [...] relatou também que os professores usam o mesmo material por vários anos, independente da composição de turma, de ter ou não estudantes com deficiência e, por isso, ele acredita que os professores não têm interesse em mudar os slides por um ano ou para um estudante. (NASCIMENTO, 2023, p. 95)

A dificuldade relatada sobre os slides, repletos de figuras, pontinhos e legendas em inglês, destaca a importância de promover a acessibilidade no ambiente acadêmico. É fundamental que os professores estejam cientes das diferentes necessidades de aprendizagem de seus alunos e estejam dispostos a ajustar seus métodos e materiais conforme necessário. A atitude de manter os mesmos recursos independentemente da composição da turma pode contribuir para a exclusão involuntária de alguns estudantes.

Incentivar uma abordagem mais dinâmica e sensível à diversidade no planejamento de aulas e na criação de materiais pode fazer toda a diferença na experiência educacional dos alunos com TEA e de todos os estudantes. Afinal, a educação verdadeiramente inclusiva não apenas reconhece as diferenças, mas também adapta os métodos de ensino para garantir que todos os alunos tenham oportunidades iguais de sucesso acadêmico.

O principal efeito refere na falta de colaboração, conforme expresso pelos estudantes H20TEAES5, H25TEAES2 e H55DAES8 que, em suas falas, descrevem momentos em que ficaram sem grupo para a realização de trabalho acadêmico, prática de discriminação negativa associada a deficiência. (NASCIMENTO, 2023, p. 75)

É interessante notar como a falta de colaboração pode se manifestar em situações específicas, como descrito pelos estudantes. A ausência de grupos para trabalhos acadêmicos não apenas afeta o desempenho acadêmico, mas também pode levar a experiências de discriminação negativa. Isso destaca a importância de promover ambientes inclusivos e de incentivar a colaboração entre os estudantes, garantindo que todos tenham oportunidades iguais para contribuir e aprender.

Não podemos esquecer que a acessibilidade, conforme determina a LBI, no seu art. 28, inc. XVI, é para “todos os estudantes, trabalhadores da educação e demais integrantes da comunidade escolar às edificações, aos ambientes e às atividades concernentes a todas as modalidades, etapas e níveis de ensino”. Daí a importância de a educação inclusiva ser no ambiente regular de ensino, pois somente na relação com o outro compreende-se o sentido de alteridade e da diferença e que isso faz parte da diversidade humana. (TRABUCO, et. al., 2022, p.21)

TRABUCO et. al, reforça a acessibilidade, conforme definida pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI), para todos os membros da comunidade escolar. A ideia de que a educação inclusiva deve ocorrer no ambiente regular de ensino ressalta a importância da interação entre os estudantes como meio fundamental para compreender a alteridade e a diversidade humana. Essa abordagem não apenas atende às exigências legais, mas também reconhece que a verdadeira compreensão da diversidade ocorre no convívio diário, promovendo um ambiente educacional mais enriquecedor e igualitário.

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (LBI, 2015, n.p.)

O Artigo 27 expressa o compromisso em proporcionar uma educação inclusiva e abrangente para pessoas com deficiência. Ao garantir o direito à educação em todos os níveis e ao longo da vida, reconhece-se a singularidade de cada indivíduo, abrindo caminho para o desenvolvimento máximo de seus talentos e habilidades. A ênfase nas características, interesses e necessidades de aprendizagem específicos de cada pessoa destaca a importância de uma abordagem personalizada, contribuindo para a construção de uma sociedade mais equitativa e capacitada. Este artigo não apenas consagra um direito fundamental, mas também representa um passo significativo em direção à promoção da inclusão e diversidade no sistema educacional.

A estrutura mais flexível e dinâmica das atividades acadêmicas pode ser desconcertante, pois muitos adultos autistas encontram segurança na previsibilidade de uma rotina bem estabelecida. A falta de clareza sobre expectativas e mudanças frequentes nos horários de aulas e atividades pode ser fonte de ansiedade, impactando diretamente o bem-estar emocional e a capacidade de foco. É crucial que as instituições de ensino superior estejam atentas a essas necessidades específicas, oferecendo suporte personalizado e implementando estratégias que ajudem os adultos autistas a navegarem com sucesso por essa fase de transição, promovendo um ambiente inclusivo e propício ao aprendizado.

A maioria dos autistas não gostam de imprevistos. A previsibilidade traz segurança sobre como deve atuar diante das demandas cotidianas, dessa forma, uma rotina adequada o possibilita se organizar mentalmente sobre suas próprias emoções diante de novas situações e, assim, evita as crises, as quais são tidas por aqueles que a desconhecem como “birra”. Como a escola é um ambiente que sempre ocorre muitas situações fora da sala de

aula, como festas, passeios, entre outros, sempre procure avisar o autista com antecedência, isso o ajudará a se organizar mentalmente. Para um neurotípico, a ansiedade é sobre como será um determinado evento, para o autista será, muitas vezes, como deve se comportar e se controlar diante dos estímulos do ambiente. [...] O mesmo vale para aplicação de novas tarefas: Explique com antecedência para que serve e qual a finalidade e o objetivo, dê um tempo para que ele possa raciocinar e, então, inicie o processo de ensino, sempre fazendo uma ponte com o conhecimento anterior e, desse modo, evita-se a falta de atenção e as crises. (TRABUCO, et. al., 2022, p.31)

Os autores destacam de maneira perspicaz os desafios que os autistas enfrentam, especialmente em ambientes educacionais que frequentemente apresentam situações imprevisíveis. A ênfase na importância da previsibilidade para a estabilidade emocional é crucial, e a sugestão de antecipar eventos como festas e passeios demonstra sensibilidade para as necessidades específicas desses indivíduos. A distinção entre a ansiedade de um neurotípico e a de um autista oferece percepções valiosas, evidenciando que, para estes últimos, a preocupação muitas vezes se concentra no comportamento e no controle diante dos estímulos.

A orientação para explicar com antecedência as novas tarefas, conectando-as ao conhecimento prévio, é uma estratégia valiosa para evitar desafios como a falta de atenção e crises. Estas crises podem se manifestar através de comportamentos repetitivos, agressividade, autolesão, isolamento social ou mesmo catatonia. É fundamental compreender que as crises não são meros "ataques de birra", mas sim respostas desafiadoras a estímulos que podem ser avassaladores para o indivíduo com TEA. A falta de atenção está relacionada às características específicas do TEA, como a hiperfocalização em interesses particulares ou a sensibilidade a estímulos sensoriais. É importante reconhecer que a falta de atenção em adultos com TEA não se deve a falta de inteligência, mas sim a diferenças neurobiológicas que afetam o processamento de informações.

Relatos autistas: nesse dia, eu me senti mal e desmaiei. Olha o tempo. Mais de 1 década. Eu sei que os sons, os excessos e mudanças de rotina me deixavam zozona, mas eu não sabia de algo: isso não é normal. São características do tea. Eu honestamente não saberia. Não era muito falado, mas eu me sentia estranha mesmo. Não gostava de comer em meio ao barulho ou excesso de cores. Claridade, sons sempre me deixaram zozona. Eu desligava de diversos diálogos, dava saltinhos e movia as mãos estranhamente. Andava em círculos e interesses restritos. Muita dificuldade com filtro social, a famosa sinceridade demais que as pessoas brincam de sincerocídio. Não é um crime ser verdadeiro ou honesto, mas quando as pessoas fazem perguntas, nem sempre elas querem a verdade, né? A dança social que eu não sabia é nem quero fazer. O cortejo dos hipócritas. Tô fora. Saber quem você é, salva. Hoje eu evito muuuuito todas essas crises. ♥ Autismo ssm romance e sem endomônizar.(MARQUES, 2023, n.p.)

Esse relato de Marques oferece uma visão franca e pessoal das experiências

de uma pessoa autista, revelando desafios significativos em lidar com estímulos sensoriais, mudanças de rotina e interações sociais, no qual podem causar Shutdown uma espécie de crise. A narrativa destaca a percepção de que esses desafios não eram inicialmente compreendidos como parte do espectro autista, evidenciando a falta de conscientização na época.

A descrição das sensibilidades sensoriais, como o desconforto com barulhos e cores excessivas, fornece uma perspectiva vívida da experiência sensorial única de muitas pessoas autistas. Além disso, a menção de movimentos repetitivos e interesses restritos ressalta características comuns do TEA.

A recusa em participar na "dança social" e a aversão ao que é percebido como hipocrisia indicam a busca pela autenticidade e a resistência em conformar-se a expectativas sociais convencionais. A valorização da própria identidade autista, sem romantização ou demonização, é um aspecto notável desse relato, no qual enfatiza a importância de se conhecer e evitar crises.

Outro desafio enfrentado por pessoas autistas em um ambiente educacional é a dificuldade em compreender conceitos abstratos, sendo necessário recorrer a elementos mais concretos.

O professor deve estar sempre atento para a maneira como usa as palavras. Uma característica marcante no autismo é a interpretação literal do que é dito. Por exemplo, essas crianças têm grande dificuldade de entender ironias e jogos de palavras; por isso, ao dar uma orientação ou fazer uma pergunta de duplo sentido, o professor pode ser mal interpretado. Se ele disser "Sou todo ouvidos", a criança pode imaginar que ele é um ouvido enorme, e não que está atento ao que ela pretende dizer. Tudo deve ser "traduzido" de forma literal, tim-tim por tim-tim. O professor deve dizer "estou te ouvindo", para que ela realmente entenda. (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, n.p.)

Assim como exemplificado acima por crianças, alguns adultos com TEA permanece com a dificuldade em entendimento de algumas figuras de linguagens e expressões, havendo a necessidade de uma comunicação mais clara, especialmente no ambiente educacional. A sensibilidade para evitar expressões idiomáticas, ironias e jogos de palavras é crucial para garantir que as instruções e interações sejam compreendidas de maneira precisa pelas pessoas autistas. A analogia do professor sendo "todo ouvidos" ilustra vividamente como uma expressão comum pode ser interpretada literalmente, evidenciando a necessidade de uma linguagem direta e explícita. A orientação para "traduzir" de forma literal, "tim-tim por tim-tim", destaca a necessidade de clareza e explicitação, proporcionando um ambiente de aprendizado mais acessível para crianças no espectro autista. Essa

conscientização por parte dos professores é fundamental para promover a inclusão e facilitar a compreensão, contribuindo para um ambiente educacional mais eficaz e acolhedor.

A educação está a serviço do estudante, portanto, é necessário respeito à sua personalidade, às suas características, aos seus gostos e costumes. E isso se torna efetivo quando o professor considera o que a própria pessoa com deficiência diz, isto é, não se faz inclusão sem ouvir aqueles que precisam ser ouvidos. (TRABUCO, et. al., 2022, p.32)

Um dos principais desafios é a falta de conscientização e compreensão sobre as necessidades específicas de cada pessoa com deficiência pode levar a ambientes educacionais que não estão adequadamente adaptados. A falta de recursos, treinamento insuficiente para educadores e a ausência de práticas inclusivas podem criar barreiras significativas para a participação plena e efetiva desses estudantes. O respeito à personalidade e à voz dos estudantes com deficiência é essencial para criar ambientes educacionais que atendam verdadeiramente às suas necessidades. Esse princípio não apenas fortalece a inclusão, mas também promove um ambiente educacional mais enriquecedor e capacitador para todos os estudantes.

Para um autista, a demanda poderá ser muito maior do que a de um estudante neurotípico. Por isso, antes de ele se desconcentrar, dê-lhe pequenas pausas nas tarefas. Dessa forma, ele mantém um interesse maior na atividade e, também, possibilita que ele pense em outras coisas. Não se esqueça, neurodivergentes costumam dar respostas inesperadas sobre os fatos, logo, pensam da sua maneira. Respeite essa característica

A demanda sobre um autista pode ser significativamente maior do que a de um estudante neurotípico, exigindo a conscientização do educador. Para evitar a perda de concentração, é fundamental proporcionar pequenas pausas nas tarefas, permitindo que o estudante mantenha o interesse na atividade e tenha espaço para pensar em outras coisas. É crucial reconhecer que neurodivergentes, incluindo autistas, frequentemente oferecem respostas inesperadas ou pensam de maneira única. Nesse sentido, é imperativo respeitar e valorizar essa característica, criando um ambiente que celebre a diversidade de pensamento. Enfrentar esses desafios requer não apenas a adaptação das práticas pedagógicas, mas também uma mentalidade inclusiva e aberta por parte dos educadores, promovendo assim um ambiente educacional mais acolhedor e eficaz para todos os estudantes.

## 5 ANÁLISE DE DADOS

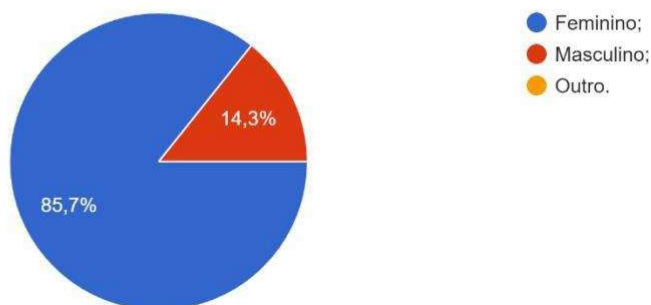
Este capítulo tem como objetivo analisar os dados coletados durante a pesquisa, fornecendo uma compreensão dos fenômenos investigados relacionados aos desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem de espanhol para pessoas adultas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Buscaremos responder à questão de pesquisa central que norteia esta investigação: Quais são os principais desafios enfrentados por esse público específico ao aprender e praticar o idioma espanhol?

Ao longo deste capítulo, serão apresentados e discutidos os resultados da pesquisa de campo. Utilizamos um questionário, transformado em um formulário no Google Forms, como instrumento para esta etapa. Esse questionário foi aplicado a pessoas adultas com diagnósticos e autodiagnósticos de TEA, que passaram por um processo de aprendizagem de LE. Examinaremos as respostas obtidas, destacando conclusões significativas que emergem da análise dos dados. Essas conclusões serão conectadas diretamente aos objetivos da pesquisa, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos desafios enfrentados por pessoas adultas com TEA no contexto do ensino e aprendizagem do espanhol.

Essa pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo que na primeira buscamos traçar um perfil dos participantes da pesquisa.

**Gráfico 01: Gênero dos participantes**

Gênero:  
35 respostas



**Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2**

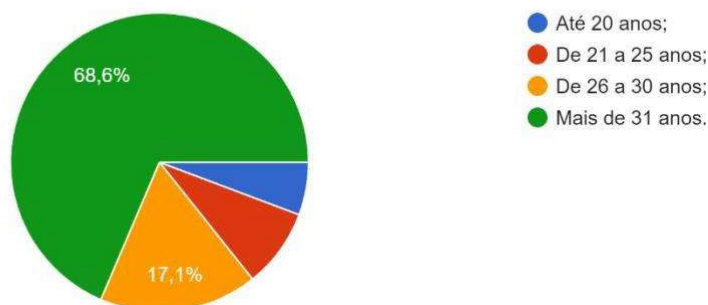
O Gráfico 01 aponta que de um número total 35 participantes, a maior

porcentagem foi de participantes do gênero feminino (85,7%) e a menor foi de participantes do gênero masculino (14,3%), correspondendo assim a 30 participantes do gênero feminino e somente 05 do gênero masculino.

**Gráfico 02: Idade dos participantes**

Idade:

35 respostas



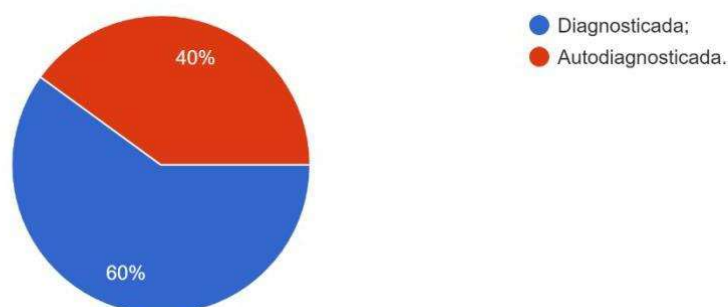
**Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2**

Em relação a idade dos participantes o gráfico 02 aponta que a maior porcentagem de pessoas tem mais de 31 anos com 68,6%, seguido de 26 a 30 anos com 17,1%, entre 21 a 25 anos 8,6% e até 20 anos 5,7% dos participantes.

**Gráfico 03: Sobre o diagnóstico dos participantes**

Em relação ao autismo, você é uma pessoa:

35 respostas

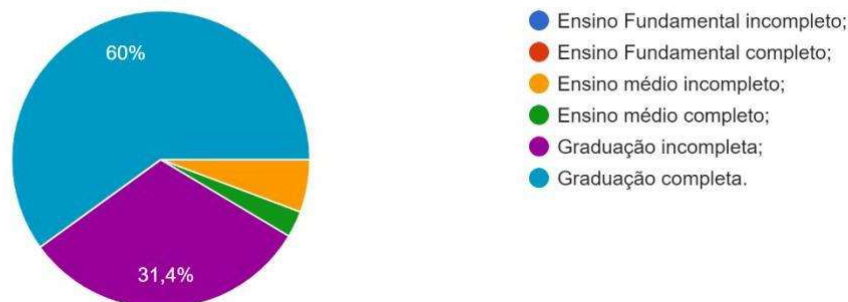


**Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2**

O Gráfico 03 indica que a maioria dos participantes da pesquisa possui diagnóstico representado por 60%, enquanto 40% dos participantes possuem autodiagnóstico, correspondendo assim a 21 pessoas com laudos de diagnóstico de TEA e 14 pessoas que se identificam com as características da deficiência.

#### Gráfico 04: Escolaridade dos participantes

Escolaridade  
35 respostas



Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2

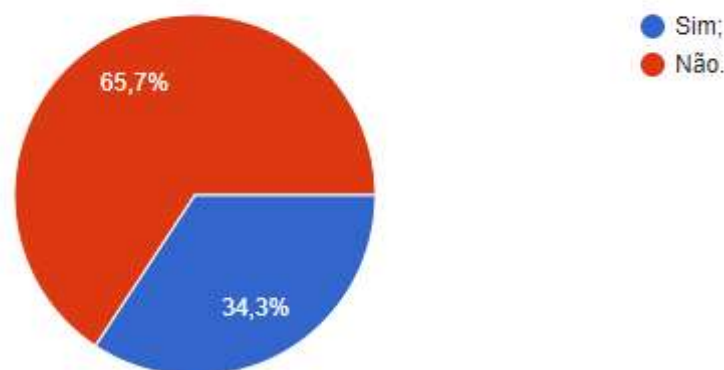
Sobre a escolaridade dos participantes o gráfico 04 demonstra que 60% dos participantes possuem graduação completa, 31,4% ainda não concluíram a graduação, 5,7% não concluíram o ensino médio e somente 2,9% concluíram o ensino médio.

Agora iremos realizar a análise dos dados referentes a aprendizagem da língua espanhola por pessoas com TEA.

A primeira pergunta teve o objetivo de saber se os participantes haviam aprendido uma LE durante a infância ou adolescência.

#### Gráfico 05: Você aprendeu alguma língua estrangeira fora do ambiente escolar durante a infância ou adolescência?

35 respostas



Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2

Podemos observar Gráfico 05 aponta que 65,7% respondeu que não aprendeu uma LE fora do ambiente escolar durante a infância e a adolescência, enquanto 34,3%

respondeu que sim. O que torna preocupante já que poucos tiveram interesse em buscar aprender uma língua estrangeira fora do ambiente escolar.

**Gráfico 06: Caso a resposta da Questão 1 tenha sido afirmativa, que línguas estrangeiras foram aprendidas?**

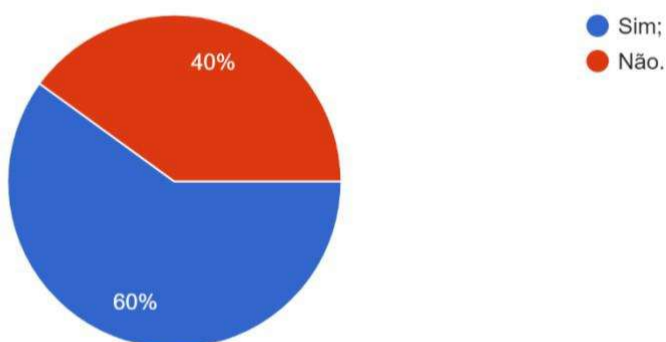


**Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2**

A pergunta acima buscamos saber das pessoas que afirmaram que aprenderam uma língua estrangeira fora do ambiente escolar quais línguas buscaram aprender. No gráfico 06 demonstrou que as línguas de maior prevalência foi o inglês e o espanhol.

**Gráfico 07: Você realiza/realizou algum curso de língua estrangeira na vida adulta?**

35 respostas

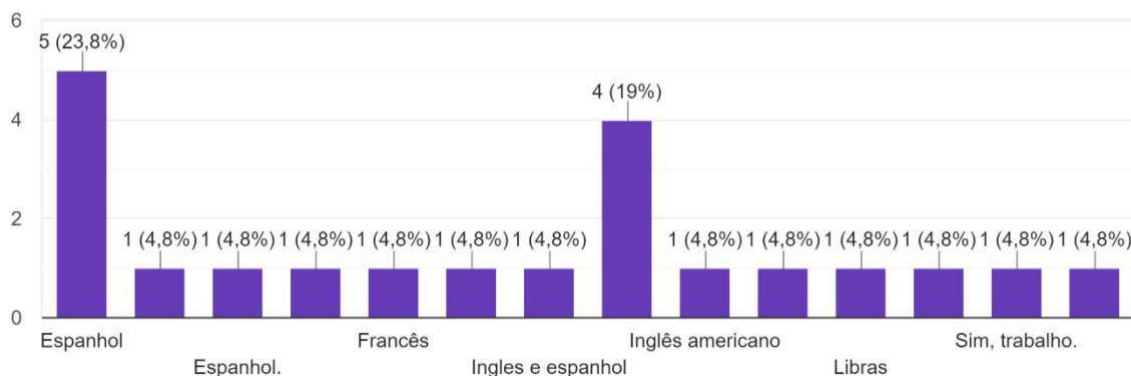


**Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2**

Sobre curso de LE na vida adulta 60% por cento das pessoas responderam que sim enquanto 40% responderam que não, demonstrando que a maioria das pessoas deste questionário, procuraram uma língua estrangeira somente na vida adulta.

**Gráfico 08: Caso a resposta da Questão 2 tenha sido afirmativa, que línguas estrangeiras foram aprendidas na vida adulta?**

21 respostas

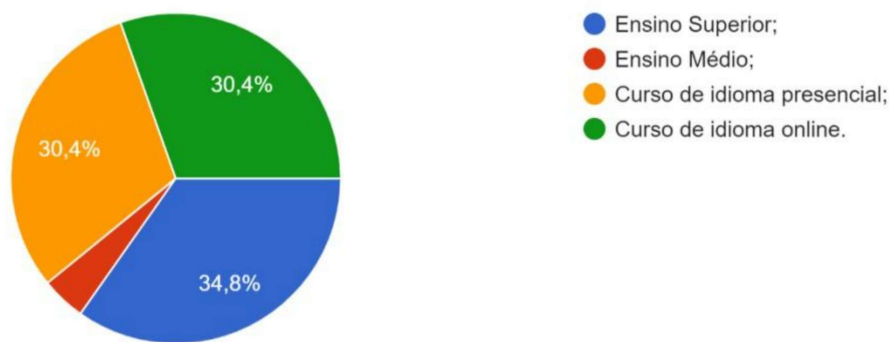


**Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2**

No gráfico 08 as pessoas deste questionário responderam quais línguas estrangeiras foram aprendidas na vida adulta, tendo uma diversidade maior em comparação a pergunta destina a época da vida escolar, tendo como línguas citadas o Espanhol, Francês, Inglês e Libras.

**Gráfico 09: Caso a resposta da Questão 2 tenha sido afirmativa, em que ambiente esse aprendizado foi ou está sendo realizado?**

23 respostas



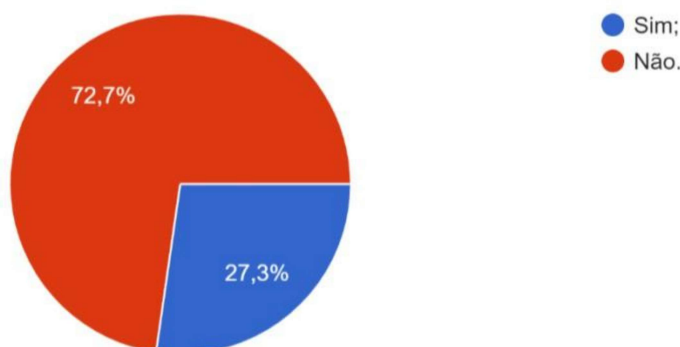
**Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2**

No gráfico 09 aponta que o ambiente de aprendizagem com maior porcentagem foi o Ensino Superior com 34,8% das respostas, seguido de Curso de Idioma Online e Presencial ambos com 30,4% das respostas, e por último com 4,3% o Ensino Médio.

Observa-se no gráfico que a busca pela LE está consistentemente associada a um maior nível de maturidade.

**Gráfico 10: Caso a resposta da Questão 2 tenha sido afirmativa, você considera o ambiente de aprendizado dessa língua estrangeira inclusivo para pessoas autistas adultas?**

22 respostas



**Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2**

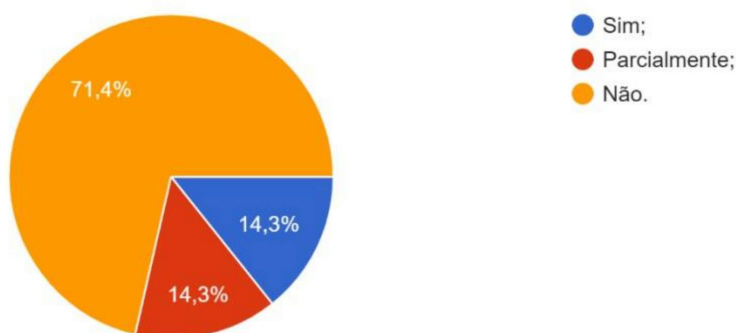
O gráfico 10 buscou apontar se esses ambientes de aprendizado de LE seria inclusivo para pessoas autistas adultas, onde somente 27,3% responderam que sim, e 72,7% responderam que o ambiente de aprendizado não era inclusivo. Sobre a importância dos procedimentos inclusivos e a aplicação Cavadas destaca que:

Talvez seja neste ponto que se encontra uma certa fragilidade no processo educacional, pois compreender que cada aluno autista possui sua peculiaridade, e que alguns dependem de uma mediação mais intensa, faz com que o processo de inclusão seja mais delicado. Não adianta fazer com que o aluno seja integrado de forma genérica e generalizada, como se o processo fosse simples, pois desta maneira não haverá êxito. É indispensável que a escola esteja engajada na adaptação e forneça ao professor-mediador todos os mecanismos necessários – seja com assistentes, psicopedagogos e materiais específicos – para atender a todas as necessidades do aluno autista em sala de aula regular.(CAVADAS, 2021, p.17)

Compreender as necessidades individuais de cada aluno autista é crucial para garantir um processo educacional inclusivo e eficaz. A fragilidade no processo educacional surge quando essa compreensão não é devidamente reconhecida e atendida. Cada aluno autista possui suas próprias peculiaridades, desafios e pontos fortes, e é fundamental que o ambiente educacional esteja preparado para oferecer o suporte necessário. Isso pode incluir a disponibilidade de assistentes educacionais, psicopedagogos, materiais didáticos específicos e qualquer outro recurso necessário para garantir a inclusão e o progresso do aluno dentro da sala de aula regular, como ressalta Cavadas(2021). A inclusão genérica e generalizada, sem considerar as necessidades específicas de cada aluno, não é eficaz e pode resultar em dificuldades de adaptação e aprendizado.

**Gráfico 11: Caso a resposta da Questão 2 tenha sido afirmativa, você considera que o professor de língua estrangeira possui conhecimentos relacionados ao autismo?**

21 respostas



**Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2**

Já no gráfico 11 buscou-se entender sobre a preparação dos professores de língua estrangeira, se o mesmo possui conhecimentos relacionados ao autismo no qual 71,4% responderam que não, enquanto 14,3% das pessoas responderam que sim e outras 14,3% das pessoas responderam que parcialmente, demonstrando um déficit grande para manter a inclusão e permanência desses estudantes dentro do curso de LE. Sobre o papel do docente Ribeiro afirma:

[...] docente que ensina uma LE (no caso específico, o inglês) precisa atentar-se para além do conteúdo que ministra em sala. Tem também que entender os ritmos na absorção da língua-alvo e enxergar fatores externos que possam obstaculizar o aprendizado dos discentes, além de levar em consideração o ambiente de ensino e a heterogeneidade dos seus alunos e suas histórias de vida, todos integrantes de uma mesma sociedade.(RIBEIRO, 2023, p.20)

A heterogeneidade dos alunos, incluindo suas diferentes origens culturais, socioeconômicas e histórias de vida, deve ser levada em consideração. Cada aluno traz consigo uma bagagem única que pode influenciar sua abordagem de aprendizado. Portanto, o professor deve adotar estratégias pedagógicas que sejam sensíveis e inclusivas em relação à diversidade presente na sala de aula.

Na pergunta 3, buscamos investigar os desafios enfrentados no processo de aprendizado da língua estrangeira por adultos autistas. Observamos que, dentre as várias respostas obtidas, algumas se destacaram. Como exemplo:

P4. "Tentei estudar em uma escola de idiomas, mas as interações eram muito difíceis para mim, então fiz a opção de aprender de forma online."  
P10. "Turmas grandes em que é necessário se apresentar para todos"  
P24 "A obrigatoriedade de falar em público, a necessidade de interagir."

Nesta resposta percebemos que neste curso não havia a flexibilidade e a adaptação para que esses alunos pudessem se desenvolver e aprender sem sentir-se desconfortável. Sobre a dificuldade de socialização em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Santos (2023, p.8) destaca que esses indivíduos enfrentam

desafios significativos na interação social. Segundo o autor, é comum observar a falta de habilidade para se socializar, a dificuldade em manter o contato visual e o foco em objetos ou pessoas específicas. Além disso, destaca-se a dificuldade na elaboração de respostas sensatas quando questionados, bem como a tendência a desviar o olhar e gestos para elementos que podem não ter um significado aparente durante a comunicação.

Essas características ressaltam a necessidade de compreensão e apoio na interação com pessoas com TEA, considerando suas particularidades na comunicação e socialização. O entendimento desses desafios é crucial para promover ambientes inclusivos e proporcionar suporte adequado às necessidades individuais de cada pessoa com TEA.

Outros participantes apontaram também como justificativa:

P21. "dificuldades de comunicação, sensibilidade sensorial, ansiedade social e necessidade de estratégias de aprendizado personalizadas, pois é frustrante ser comparado com os outros, e ver que seu rendimento não é o mesmo. Sinto também que os professores não estão capacitados para atender as demandas de uma sala neurodiversa, e não compreendem plenamente essas necessidades individuais de seus alunos atípicos, impactando a experiência educacional do aluno autista. Em uma sala diversa, a falta de compreensão e inclusão contribuem para o isolamento social do estudante, agravando ainda mais os desafios."

Nela é apontado dentre diversas dificuldades a sensibilidade sensorial, e ansiedade social que causam como mesmo apontado por esta pessoa o isolamento social do estudante o que ocasiona em depressão e dificuldade de aprendizagem já que assim cada vez mais o estudante se sentirá desmotivado, podendo causar até crises dependendo da sobrecarga sensorial em que o mesmo for submetido.

Em relação à presença de alterações no processamento sensorial de indivíduos com TEA, mostraram que tais alterações geram padrões de respostas. Tais padrões incidem negativamente na comunicação e na interação social destes indivíduos, em múltiplos contextos. As respostas inadequadas desses sujeitos às situações cotidianas nas quais lhes são apresentados estímulos sensoriais confirmam a presença destas alterações nos quadros de TEA, e, ainda, revelam que a inadequação destas respostas pode ocasionar desempenhos acadêmicos mais baixos, além de problemas emocionais, comportamentais e educacionais. (MATTOS, 2019, p.93)

Mattos destaca a significativa influência das alterações no processamento sensorial em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e como essas alterações podem se manifestar em padrões de respostas. É ressaltado que esses padrões de respostas impactam negativamente a comunicação e a interação social desses indivíduos em diversos contextos.

Em outra resposta observamos uma característica típica em pessoas autistas,

a dificuldade de entendimento de gírias ou certas expressões, pessoas autistas tendem a ser literais, esta pessoa em sua resposta disse:

P19. “Dificuldade em associar certas informações; entender outros significados que pode conter naquela frase além do literal; identificar sarcasmos, ironia, ou demais intenções no texto; precisa fazer sentido para eu entender e nem sempre a informação faz sentido”,  
P.29 “Desafios da linguagem”

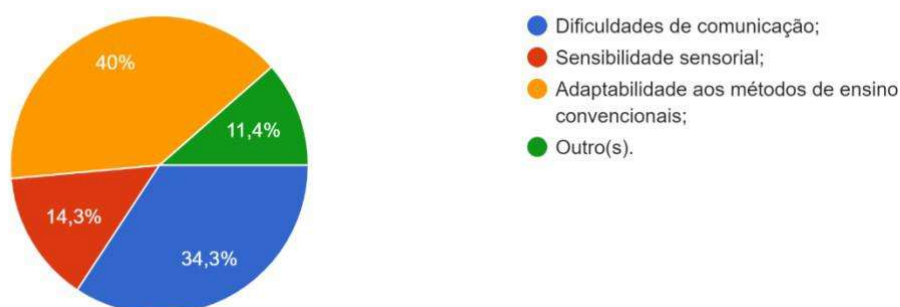
A dificuldade de entendimento de gírias e irônias por pessoas autista está relacionado ao fato de serem literais, ou seja o entendimento é sempre objetivo e lógico. Sobre essa dificuldade de entendimento de formas de linguagem, Freitas afirma:

A interação social é de grande dificuldade para esses indivíduo como sustentar o olhar dos outros, sons, movimentos e muitas pessoas falando ao mesmo tempo, causando insegurança e desorientação. Enquanto comunicação possui dificuldade em entender metáforas, duplos sentidos, sutilezas, decifrar gestos, movimentos e intenções através da face. (FREITAS, 2022, p.13)

Freitas aponta para desafios comuns enfrentados por indivíduos que podem apresentar características associadas a condições do espectro autista ou outras condições neurodivergentes. A comunicação também é afetada, manifestando dificuldades em compreender metáforas, duplos sentidos e sutilezas linguísticas. A decifração de gestos, movimentos corporais e intenções expressas através das expressões faciais pode ser um desafio adicional. Essas dificuldades podem impactar significativamente a capacidade dessas pessoas de se comunicarem efetivamente e de se integrarem socialmente. É importante reconhecer a diversidade de experiências dentro do espectro autista e compreender que cada indivíduo é único. Estratégias de apoio, compreensão e adaptação podem ser essenciais para promover a inclusão no âmbito acadêmico.

**Gráfico 12: Em sua experiência ou opinião, qual é o principal desafio enfrentado por adultos autistas no aprendizado de uma língua estrangeira?**

35 respostas

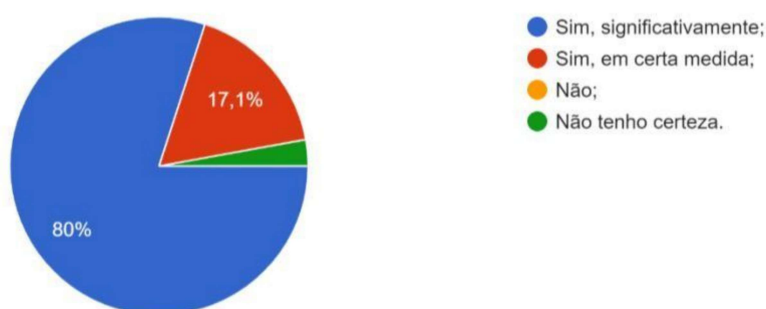


Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2

O gráfico 12 aponta qual o principal desafio enfrentado por adultos autistas no aprendizado de uma língua estrangeira, no qual 40% responderam que seria a adaptabilidade aos métodos de ensino convencionais, 34,3% responderam que seria a dificuldade de comunicação, 14,3% a sensibilidade sensorial e 11,4% outras dificuldades não especificadas

**Gráfico 13: Você acredita que estratégias de ensino adaptadas às necessidades específicas dos adultos autistas são essenciais para o sucesso no aprendizado de uma língua estrangeira?**

35 respostas



Fonte: Pesquisa realizada em 2023.2

O gráfico 13 demonstrou se as pessoas acreditam que estratégias de ensino adaptadas às necessidades específicas dos adultos autistas são essenciais para o sucesso no aprendizado de uma língua estrangeira, no qual a maioria correspondendo a 80% respondeu que sim, significativamente, e 17,1% responderam que sim, em certa medida e somente 2,9% responderam que não tem certeza.

Considerando as perguntas do questionário observa-se que em geral a maioria dos participantes desta pesquisa enfrentam desafios no processo de aprendizagem de uma LE, como adaptações em métodos convencionais, nos ambientes e até sobre o conhecimento dos professores em relação a pessoas autistas, de forma a deixar um ambiente seguro, confortável e propício para esses estudantes, seja presencial ou online. Percebeu-se também que a busca para esse aprendizado ocorre mais tarde numa fase adulta com mais amadurecimento, sendo apontado pelo nível superior.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscamos compreender os desafios enfrentados por pessoas adultas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no processo de ensino e aprendizagem de uma Língua Estrangeira (LE), com foco especial no espanhol. A motivação para esta pesquisa originou-se da experiência como cuidadora de uma criança com TEA e da participação em um projeto de Educação Inclusiva. A análise dos dados coletados revelou aspectos significativos que destacam a necessidade de adaptações e estratégias específicas para atender às demandas desses estudantes neurodivergentes.

O perfil dos participantes revelou uma maioria feminina, com predominância de pessoas acima de 31 anos, muitas delas com diagnóstico formal de TEA. A maioria buscou aprender uma LE apenas na fase adulta, indicando um interesse tardio e, por vezes, limitado fora do ambiente escolar. A pesquisa apontou que o Ensino Superior é o ambiente de aprendizagem mais frequente para esses estudantes, mas a maioria considera que esse ambiente não é inclusivo.

Os resultados da pesquisa de campo apontam para uma série de desafios enfrentados por adultos autistas no contexto educacional. A falta de ambientes inclusivos e adaptados, aliada à carência de preparo por parte dos professores em relação ao TEA, destacam-se como obstáculos significativos. A obrigatoriedade de interação social, a sensibilidade sensorial, a ansiedade e a dificuldade de compreensão de gírias foram alguns dos desafios específicos identificados pelos participantes.

Os desafios encontrados pelos participantes no aprendizado de uma LE são variados, desde a adaptação a métodos convencionais até a necessidade de estratégias de ensino personalizadas. A falta de compreensão por parte dos professores em relação às necessidades específicas dos alunos autistas foi ressaltada como uma barreira importante.

Fica evidente que a implementação de estratégias de ensino adaptadas às necessidades específicas dos adultos autistas é essencial para o sucesso no aprendizado de uma LE. A busca por um ambiente educacional mais inclusivo, a capacitação dos professores e a conscientização sobre as características do TEA são passos cruciais para proporcionar uma experiência educacional mais positiva e eficaz para essas pessoas.

Diante dos desafios identificados, este estudo contribui para a conscientização sobre a importância da inclusão de pessoas adultas com TEA no contexto do ensino de línguas estrangeiras. Recomendações práticas são apresentadas para orientar professores e profissionais da educação na promoção de ambientes mais acessíveis e acolhedores para estudantes com TEA. Espera-se que este trabalho incentive pesquisas futuras e a implementação de práticas inclusivas, visando à construção de uma educação mais igualitária e efetiva para todos, independentemente de suas características neurodiversas.

## 7 REFERÊNCIAS

- AMERICAN Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- CASIMIRO, Alice. Relatos de uma vida com TEA. Disponível em: <https://ameninaneurodiversa.wordpress.com/>. Acesso em: 23 out. 2023.
- CAVADAS, Bárbara Cristina Santos. Aprendizado de língua estrangeira por autistas: desafios e propostas para uma educação inclusiva. 2021.
- COSTA, Rayza Fonseca de Araújo. O acesso e permanência de estudantes TEA nos cursos de Língua Estrangeiras no DCH V. 2022.
- FREITAS, Jenny Lucio de. Transtorno de Espectro Autista (TEA) - Pós diagnóstico. 2022.
- HERVAS, Amaia; ROMARÍS, Patricia. Adaptación funcional y trastornos del espectro autista. Medicina (Buenos Aires), v. 79, n. 1, p. 10-15, 2019.
- KANNER, L.; DO CONTATO AFETIVO, Distúrbios Autísticos. Disponível em: <http://www.profala.com/artautismo11.htm>. Acesso em: 21 out. 2023.
- LIMA, Hemily Kamila Santos et al. Diagnóstico tardio do autismo em adultos. 2021.
- MARQUES, Ilana. Relatos Autistas. Disponível em: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=pfbid02f9jrUT3n1CjNMJxC179ip1qdqH7B3Qw6CVGxYrGVngs55c92U1wgS6hrfVb8i5WI&id=100001511112687&mibextid=2JQ9oc](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02f9jrUT3n1CjNMJxC179ip1qdqH7B3Qw6CVGxYrGVngs55c92U1wgS6hrfVb8i5WI&id=100001511112687&mibextid=2JQ9oc). Acesso em: 23 nov. 2023.
- MATTOS, Jaci Carnicelli. Alterações sensoriais no Transtorno do Espectro Autista (TEA): implicações no desenvolvimento e na aprendizagem. Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 36, n. 109, p. 87-95, 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862019000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862019000100009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 26 jan. 2024.
- MIRANDA, Vitória Passos. Como estereótipos de gênero afetam o subdiagnóstico de meninas e mulheres autistas. 2023.
- NASCIMENTO, Cleide Silva do. Práticas de in/exclusão nas instituições federais de educação do Oeste de Santa Catarina: entre a legalidade e a (in)acessibilidade.
- ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. Ciência & Saúde Coletiva, v. 14, p. 67-77, 2009.
- RAMOS, Jorge; XAVIER, Salomé; MORINS, Mariana. Perturbações do espectro do autismo no adulto e suas comorbilidades psiquiátricas. Psilogos: Revista do Serviço

de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca, v. 10, p. 9-23, 2012.

RIBEIRO, Douglas de Araújo. O papel do professor reflexivo no ensino de língua inglesa para alunos com autismo (TEA): um estudo bibliográfico. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Inglês). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

RONZANI, Leticia Domingos et al. Comorbidades psiquiátricas no transtorno do espectro autista: Um Artigo de Revisão. Boletim do Curso de Medicina da UFSC, v. 7, n. 3, p. 47-54, 2021.

SANTOS, Luciano Nogueira et al. O ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SUA DIFICULDADE DE SOCIALIZAÇÃO. 2023.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayara Bonifacio; REVELES, Leandro Thadeu. Mundo singular. Entenda o Autismo. Rio de Janeiro: Editora Fontana, 2012.